

# Identificações Traumáticas, Congelamento e Transgera- cionalidade

## **Ana Rosa Chait Trachtenberg**

Médica Psicanalista; Membro Titular com Função Didática da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre; Membro Associado da Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires.

## **Mayra Dornelles Lorenzoni**

Psicóloga; Candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre; Especialista em Psicologia Clínica pelo Conselho Federal de Psicologia; Docente e Supervisora do Centro de Estudos, Atendimento e Pesquisa da Infância e Adolescência.

[...]..mesmo quando tenho um texto que sei que vou ter de fazer e refazer, cortá-lo em pedaços, esquartejá-lo [...] mesmo nisso que chamo de “tentativa de conto” eu me realizo porque, na verdade, sempre parecerá ser o caminho para algo que ainda virá.

*“Estou com um disco de corte e vou te cortar em partes. Eu quero partir todo o teu corpo pedaço por pedaço...”*

Este trabalho surgiu da surpresa e inquietação a respeito da semelhança entre o material clínico de um menino com diagnóstico inicial de Autismo Atípico e o livro de contos escrito e editado por seu pai. A

violência expressada nos contos, que não era do conhecimento do pequeno paciente, e a violência presente no material clínico das sessões de análise, em forma quase especular, produziu nas autoras um alto impacto. Esse particular ponto de contato entre pai e filho levou-as a uma reflexão teórico-clínica, que se apresenta a seguir.

## Parte I

### Uma Contribuição ao Estudo das Identificações Traumáticas

*Mayra Dornelles Lorenzoni*

Iniciamos este trabalho estampando duas cenas:

CENA DE UM CONTO: “Eu estou em casa, são quatro horas da manhã, e ainda não peguei no sono. Foi depois, quando tudo acabou, que a imaginei morta. Morta sobre os lençóis, corpo gelado, congelado. Me deu mesmo essa vontade de vê-la morta, e de fato quase a matei. Talvez a mate! Porque só assim ela será minha. Morta, não; morta, ela ficará comigo!”

CENA DA SESSÃO: “*Era uma casa feia... Eu pensava em pegar uma arma e te congelar. Agora eu te prendi nos braços, pernas e pescoço com correntes. Vou te matar. Agora tu morres! Vou te queimar toda e vou derreter toda a tua pele. Tô pondo energia de morto no teu corpo, pra tu ficar bem morta e assim não saíres daqui e eu te dominarei, ficarás para sempre aqui, sem força, sem vida, mas, nas minhas mãos, passarás a ser minha*”.

Ao receber o livro de contos das mãos do próprio autor – pai do paciente –, surpreendi-me pelo inusitado. Ao ler seus contos, espantei-me e muito pela situação insólita. E, por alguns instantes, tive a sensação de *déjà-vu*, estava diante da mesma narrativa dramática e tirânica das histórias fantasiosas que povoam a mente de seu filho – meu paciente. Vi-me perple-

xa, impactada, tomada de susto! Mas, aos poucos, tudo aquilo começava a fazer algum sentido...

O enredo dos contos literários do pai e o conteúdo das sessões do filho se fundiam e se confundiam. A violência e a crueldade habitavam ambos os lugares com suas faces mais horrendas.

O material clínico presente no transcorrer do trabalho corresponde a esse mesmo menino – José Carlos Júnior, de 7 anos –, e os posteriores fragmentos de contos literários seguem correspondendo ao mesmo autor, seu pai – José Carlos. É mister assinalar que o pequeno paciente nunca teve acesso aos escritos do pai, tampouco interessou-se quando da publicação de seu livro.

Faz-se necessário pontuar que este trabalho é um estreito recorte dessa relação “clínica”: contos/sessão. Ficam de fora, lamentavelmente, outras tantas relações e conexões possíveis.

Este é um trabalho que tem por objetivo focalizar a relação pai-filho, enquanto a relação mãe-filho está propositalmente excluída, já que foi objeto de outro trabalho (LORENZONI, 2003).

### **Pai e sua História**

José Carlos, 35 anos, engenheiro. Filho do engenheiro José, da pedagoga Ana Maria e irmão de Paulo, 30 anos, sem profissão.

Na maior parte de sua infância, sua mãe manteve-se ausente, “*viajando sempre pela educação. [...] Eu sofria, chorava quietinho! Sempre fui muito fechado! [...] A mãe era uma referência dentro da área de educação e eu era visto como o filho da pedagoga Ana Maria. Meu estigma desde pequeno. Eu era o filho certinho; meu irmão era o problema, e por causa disso eu carregava a necessidade de não falhar. Muitas coisas que eu conseguia realizar não pareciam méritos meus. Ficava sempre à sombra de minha mãe. Eu me sentia sobrecarregado!*”

No primeiro dia de aula na Faculdade, um dado professor, ao fazer a chamada, pronunciou: “*José Carlos, ah! Tu que és o filho do José... Fui*

*colega de trabalho do teu pai há muitos anos...”, e todo mundo virou-se para ele.*

*“Meu irmão, na adolescência, se perdeu com uma turma pesada, queria ser um outsider, ‘rebelde’, sem nenhuma higiene pessoal, apreciava literatura marginal.” José Carlos sempre esteve envolvido com hobby de fazer coleções: carrinhos, jornais, CDs, etc. Enquanto o irmão era desorganizado, ele era perfeccionista e mantinha tudo sobre controle.*

Refere nunca ter convivido com qualquer espécie de brigas entre os pais ou dos pais com ele. Revoltava-se com a passividade dos pais diante das “loucuras do irmão”, mas nunca conseguiu reagir. Ao fantasiar imagens de reações agressivas, sentia muita culpa. *“Tinha muito medo de soltar meus monstros internos.”*

### **O Filho e suas Vicissitudes**

Júnior era um bebê muito agitado, com escassas horas de sono acompanhadas de choros de pânico. Debatia-se, atirava-se, rastejava, denotava um estado constante de angústia. Não respondia aos sons e, com frequência, babava-se.

Aos 2 anos, mostrava uma excessiva desorganização com os brinquedos, a verbalização era escassa, e a compreensão, quase nula. Na escolinha, mordida os colegas e a si mesmo. Corria na ponta dos pés. Apresentava pânico diante de quadros artísticos e barulhos como sirenes, furadeira, liquidificador e canto de galo.

Aos 3 anos, foi trazido ao atendimento emocional. O pequeno paciente possuía um olhar que ora parecia vazio, ora parecia “atravessar-me”. Apresentava nas sessões padrões estereotipados, tanto nos jogos como na linguagem; seus desenhos eram garatujas primárias. Seu pensamento era repetitivo, e sua conduta desorganizava-se diante de situações de mudança. Tinha um especial interesse por movimentos giratórios de certos objetos e pelo cheiro dos mesmos. Suas brincadeiras eram sem enredo, e suas histórias sem encadeamento.

Apresentava idéias desconexas e, por vezes, perguntas sem sentido,

como um quadro no qual visualizou a imagem de Cristo na cruz e indagou: “Mãe, o titio pega?”. Fazia uso de ecolalia e de palavras com estranhas combinações: “Mayra marronzinha”, referindo-se ao prédio de meu consultório.

A hipótese diagnóstica naquela época fora a de um Transtorno Invasivo do Desenvolvimento: Autismo Atípico. Inicialmente trabalhamos com uma frequência de duas sessões semanais e acompanhamento mensal aos pais, e isso era o limite das possibilidades da família.

Aos 6 anos, já demonstrava nas sessões alguma evolução na habilidade representacional. Os temas focalizavam “lutas sangrentas” de super-heróis contra os homens do mal.

Aos 7 anos, passamos a trabalhar com quatro sessões semanais, e segui vendo os pais periodicamente.

### **À Luz do Conceito do Contrato Narcisista**

CENA DE UM CONTO: “Só pescando para esquecer. Aprumo a vara com a mão do braço que ainda funciona e lanço a linha, um arremesso ruim para começar o dia. Usando um braço só não tenho mesmo jeito de lançar melhor do que isso. Um arremesso de vida, isso é o que me sobra. Mas o resto é tudo meu: minha mulher, minha quando joguei dentro dela o esperma que se tornaria o Roberto, meu filho, meu caniço sem nome, minha muleta, meu maldito lado morto. Aí vem ele! Vou te devolver à água, seu papa-terra desgraçado, com esse olho sangrando do meu anzol, ‘estás como eu’, meio pela metade. Com um lado morto”.

CENA DA SESSÃO: “Este aqui sou eu. Meu braço doente se transformou em machado, arma e depois canhão. Esse braço-machado é para eu atacar os inimigos. Eu tenho um braço, uma perna, um olho, um corpo de robô. Eu tenho uma parte morta como uma estátua, eu tenho um lado invisível. Tu sim, és uma humana!”

Toda essa complexidade dramática que vem se descortinando tem como ponto de origem o psiquismo desse bebê que, como todo psiquismo, constituiu-se desde uma singular intersubjetividade. Esta pode entender-se desde aquilo que Piera Aulagnier (1975) denominou de **contrato narcisista**, que nos indica que existe um pré-investimento dos pais em relação ao bebê, ao qual reservam um lugar legítimo. A criança demanda ao grupo o reconhecimento de que ela lhe pertence, enquanto o grupo lhe demanda a preservação de seus valores e leis previamente estabelecidos.

Logo, esses pais, sob o vértice de Aulagnier (1984), pré-enunciaram e pré-investiram nesse “novo ser”, como um “arremedo de vida”, “meio pela metade”, reservando a esse filho o lugar do “maldito lado morto”. E assim, ao ocupar esse lugar, ficou prejudicado severamente o espaço no qual a subjetividade desse ser deveria constituir-se. O processo identificatório de Júnior ficou, então, sobremaneira comprometido pela importante falta de uma investidura de pulsão de vida.

Nessa família, a seqüência geracional, no que diz respeito ao nome, foi mantida fielmente: avô paterno José – pai José Carlos – filho José Carlos Júnior.

A “Lei da Filiação” aqui tem como única referência o “Nome-do-Pai”, o doador do nome, sendo que esse pai acabou por fazer do filho, por um lado, um produto do ventre materno, por outro, um condenado a carregar sua identidade e reproduzir uma história que não lhe pertence. Em função do encontro dos psiquismos dos pais e de Júnior, enquanto bebê, foi possível identificar a presença precoce de transmissões desorganizantes, traumatogênicas.

No seu entorno familiar, Júnior não encontrava significado, sustentação e apoio que qualificassem suas vivências, as quais ficavam misturadas com as de seus pais, o que impossibilitava qualquer ruptura na continuidade geracional. Sem essa distância geracional necessária, produziu-se um montante de condensações e de indiferenciações no psiquismo dessa criança.

O discurso do pai do menino fora antecipado por um desejo identificatório, ou seja, que o filho se tornasse ele, através da doação do

nome e com o acréscimo, no final desse, do adjetivo Júnior, o mais moço de dois, o que aponta para uma sucessão, uma identidade geracional imutável.

Percorrendo as idéias de Aulagnier (1984), destacamos um importante conceito, o da “interpenetração”, no qual enfatiza que o efeito do processo intersubjetivo se produz entre um acontecimento, um fantasma inconsciente e um enunciado de valor identificante, se pronunciado por uma voz privilegiadamente investida. Trata-se de um momento no qual a experiência se imprime, se estampa nas crianças. De acordo com a autora, a interpenetração tem valor traumático, é um efeito da trama que produz fantasmas e fantasias.

O sofrimento que experimenta o pequeno paciente parece ter relação também com o *quantum* de violência que seu frágil psiquismo precocemente experimentou. Isso implica que Júnior, segundo Aulagnier (1984), teve de renunciar rapidamente a uma ilusão necessária nessa etapa inicial de sua vida psíquica.

**“Que lugar ocupa esse filho no sistema narcisista parental e no desejo inconsciente dos pais?”** Concordamos com Aulagnier (1984), quando diz que há desejos inconscientes que, quando não reprimidos, acabam por ter maior influxo na transmissão psíquica geracional.

De alguma forma, quando no psiquismo dos pais falha o espaço do reprimido, além das demandas pulsionais não estarem transformadas, resulta algo incompatível à vida psíquica de um filho. Ao penetrarem no ego em constituição desse filho, essas demandas produziriam um efeito singular, à medida que, possivelmente, se manteriam em estado bruto, transformando-se em experiências de valor traumático.

### **À Luz do Conceito de Introjeção Extrativa**

CENA DE UM CONTO: “Tem que ter alguma coisa ainda. Será que tem? Não, não tem mais nada. Quarenta reais que sejam, já me quebrem o galho! Quarenta tem que ter nessa coisinha. Tento tirar trinta tem que ter. Saldo insuficiente. Vou tirar vinte. Saldo insuficiente de novo... Mas por quê? Vou tentar dessa outra forma. Usei pouco neste



mês. Quem sabe agora... Tiro o cem e depois vou tirando o resto de dez em dez até esgotar o saldo. Vamos lá, meu robozinho que não fala e não pensa. Mas o que há com essa máquina cretina? Quero tirar mais... Saldo insuficiente de novo! Vida insuficiente. Mas esse é o medo: de tirar extrato, de ver o que tirei e o que ainda tem, se é que sobrou!”

CENA DA SESSÃO: *“Mayra, sabe, tô com dificuldade: É muito complicado pensar em número, tirar números, tira cem, tira oitenta, tira sessenta, tira quarenta, tira dez, tira nove, tira oito, tira sete... e tudo isso. É ruim demais! quando é de tirar, deixar cem/sem. O que é de menos, me atrapalha, não consigo pensar”.*

Dentro da perspectiva de seguir tratando de compreender esse tipo de relação psíquica inconsciente estabelecida entre pai e filho, objeto desse estudo, o conceito de **introjeção extrativa** de Christopher Bollas (1987) parece dar conta de aspectos importantes. Esse processo é uma espécie de “um roubo” de alguns elementos da vida psíquica do outro. Essa violência intersubjetiva ocorre quando o violado não tem a experiência interna do elemento psíquico que o violador representa.

De acordo com o autor, à medida que é mantida, a introjeção extrativa pode alterar a função intra-subjetiva de determinados elementos psíquicos.

Nessas circunstâncias, Júnior tornou-se o doente da família para poder ser legitimado mesmo que por essa via, sendo obrigado a renunciar, assim, ao contato com partes psíquicas ligadas à pulsão de vida.

José Carlos desenvolveu uma personalidade obsessiva, que o tornou afetivamente distante, embora um “operativo eficiente”. Ele tendeu sempre a decodificar intelectualmente o estranho mundo emocional de seu filho.

O pai extraiu do psiquismo do menino sua vitalidade, sua capacidade de pensar, sentir e desenvolver-se, isto é, apropriou-se de grande parte do equipamento de pulsão de vida com o qual Júnior veio ao mundo, tornando-o um escravo do seu poder psíquico. O menino comportava-se, em muitos momentos, como alguém apático, alienado e desorganizado: aspectos esses que tipificam o outro lado da personalidade de seu pai.



Nas sessões, o pequeno paciente valia-se de intensas e maciças identificações projetivas de caráter destrutivo dirigidas a mim, enquanto sua analista, o que acabava por deixá-lo com um profundo vazio no seu estado mental.

De alguma forma, eu tinha de dar conta da experiência de suportar as partes esvaziadas do seu *self*; esvaziadas também por alguma violação ativa do outro. O paciente desenvolveu, durante a primeira etapa de sua análise, transferências, nas quais tudo o que era intensificador da vida (incluindo a destruição) estava na analista.

Vítima da introjeção extrativa, identificou-se com aspectos destrutivos contidos no inconsciente do pai, instalando-os em sua personalidade.

Bollas (1987) diz que quando um pai que projetivamente identifica elementos cindidos e indesejados de seu próprio *self* no de seu filho o sobrecarrega com um mundo interno extremamente indiscriminado e caótico. Ao atribuir ao filho seu próprio nome, o pai extrai, de certo modo, alguma parte do seu *self*, seu sentimento de alteridade, deixando em seu lugar um vácuo, onde lá depositou muito do seu desespero e do seu próprio vazio.

Bollas (1987) defende a idéia de que a perda de uma parte do *self* significa não só uma perda de conteúdo, função e processo, como também da percepção que tem de sua própria pessoa. Uma perda dessa natureza para esse pequeno paciente pode ter tido uma forte influência na não-estruturação de sua história pessoal.

### **À Luz do Conceito de Identificação Narcisista Inconsciente Alienante**

CENA DE UM CONTO: “A minha verdade é esta: sou um assassino. Deixei cair um bloco com meu nome timbrado, um homem de chapéu branco abaixou-se para pegá-lo:  
– Manuel Antunes Filho? Filho de Manuel Antunes? Fui colega de trabalho do teu pai há muitos anos!

Conversamos por algum tempo e, ao final deste, o velho acendeu um charuto fedorento:

– Onde é que teu pai está morando?

Dei-lhe o endereço. Expliquei com detalhes: meu pai estava viúvo, morando sozinho, perto de um rio. O sujeito prometeu que apareceria para vê-lo.

Por volta das duas horas da tarde, me despedi dele. Dei mil voltas e ao chegar em casa, lá pelas seis, liguei para o pai para contar o acontecido. Tentei várias vezes, mas ele não atendeu. Perto das sete, o telefone tocou, era meu tio. Tinha uma notícia ruim, eu que me agüentasse: tinham matado meu pai. Seis tiros no peito! Perguntei: pegaram o assassino? O tio respondeu que não, mas não seria difícil descobrir, haviam deixado um chapéu branco com sarro de charuto sobre o corpo”.

CENA DA SESSÃO: “– *O bebê é mais poderoso que seu pai. O que você quer com meu pai?*

– Seu pai nunca mais vai voltar; Homem Aranha! Waldemorte vai matar seu pai!

– Diga adeus!

Waldemorte está cortando, parte por parte da pele dele, em pedaços.

– Ai... ai... ai... (gritos de dor)

Atirou nele, vários tiros na cabeça, no peito e nas costas.

– *Eu sou do mal. To cuspiendo pedaços do corpo do teu pai: um olho, uma mão, o cérebro!”*

Amplio as considerações teóricas pertinentes ao contexto desse trabalho com o conceito de **identificação narcisista inconsciente alienante** de Faimberg (1985, 1988), que, juntamente com as identificações intrusivas e apropriativas, configuram o quadro da “telescopiação (encaixe) de gerações”, a qual não é mais que um dos aspectos do funcionamento de uma lógica narcisista presente, sobretudo nas organizações psicóticas. Trata-se de identificações com aspectos não resolvidos da história dos pais ou avós do sujeito que o paralisam, ocupando-o na tentativa falida de buscar um outro destino psíquico para si.

É possível observar a necessidade em ambos (pai e filho) da projeção

da violência, bem como a violência da projeção, o que nos faz lembrar de Faimberg (1985) quando coloca que situações como essas acabam por instalar uma zona inter-humana violentamente frágil, onde, de alguma forma, cristalizam-se angústias mais arcaicas.

Poderíamos pensar que nesse movimento, através do qual um identifica-se com o desejo ou com o sintoma do outro, existe uma transmissão intersubjetiva: o que se transmite de um ao outro é um traço inconsciente posto em comum.

Aqui nos parece que cabe uma questão: **afinal, o que é transmitido ou transferido no sentido de transporte em intensidade e em representação dos pensamentos latentes ao relato manifesto?**

Faimberg (1985) tenta dar conta dessa forma violenta de transmissão psíquica, que condensa duas ou três gerações, marcando que desde o início da constituição do psiquismo existe um outro.

Em uma das vinhetas de uma dramatização que incluía dois super-heróis – Homem-Aranha e Visão –, verbalizou:

“Visão! Vamos ver o espelho mágico! Vamos ver os pais deles que vão aparecer no espelho. Como vocês chegaram até aí dentro? Aqui dentro do espelho mágico está a mãe e o pai do Homem-Aranha. Eu vou quebrar o espelho para poder entrar e ver. Como é que vocês foram parar aí dentro?”

Ao referir a presença de um pai e de uma mãe “dentro de um espelho”, denuncia, inconscientemente, a presença de personagens que haviam sido “metidos dentro de sua mente”, via identificação patológica. Esta parece ser de caráter alienante, dado que uma parte do psiquismo cindido dos pais se apropriara de forma intrusiva do seu psiquismo.

Como pode se observar, pela história pessoal do pai de Júnior, os aspectos hostis, a pulsão tanática pareciam impedidos de externalização. Sob o forte manto da repressão e do mandato materno de ser “o filho perfeito”, José Carlos, além de aprisionar seus impulsos sádicos e destrutivos advindos das frustrações e privações impetradas pela mãe, não podendo descarregá-las em qualquer comportamento, via-se amordaçado em sua impossibilidade de expressar seus desejos e sentimentos negativos através

da palavra falada. Suas emoções encontravam abrigo em seu mundo fantasmagórico intensamente violento.

Podemos pensar que se instalou entre essa dupla geracional (Filho – pai de José Carlos Júnior – e Mãe – avô de José Carlos Júnior) o processo que Faimberg (1988) chama de “identificação apropriativa”, entendido como um dos fatores de transmissão psíquica patológica entre gerações – transgeracional. Essa apropriação é efeito do desejo do outro e pelo desejo do outro.

Como correlato, encontramos na dupla geracional (Filho – José Carlos Júnior – e Pai – José Carlos) uma demanda psíquica comum aos dois povoada de sentimentos odiosos e fantasias cruéis. Isso nos faz pensar numa espécie de mecanismo de contágio psíquico, no qual se põe em evidência a identificação como indicador de um lugar de coincidência entre os dois egos, o que levaria a pensar numa “aliança inconsciente”.

O avô paterno, apesar de seus aspectos silenciosos e esvaziados, busca a reedição de um lugar, de um tempo e de um estado de troca afetiva que se instalava entre ele e seu próprio filho (pai de Júnior), agora com o neto. Através da atividade lúdica da pescaria – “pescaria de papa-terras não-desgraçados” –, avô, filho e neto reencontram-se de forma vital e se permitem nesse momento experimentar juntos uma emoção de satisfação e competência ao perceberem o peixe sendo fogado e o caniço tremulando. Tudo indica que as demais emoções ficavam congeladas, amordaçadas, sem lugar, sem tempo e sem estado no mundo das palavras faladas e, portanto, intraduzíveis, somente transitando em estado bruto e primitivo, “inundado de papa-terras desgraçados”.

O pai encontra-se não na forma “como poderia ser realmente”, mas como algo inscrito na realidade psíquica do filho.

Então aqui entra a importância do papel da análise. Creio que é através dela, através da escuta da interpretação, que o pequeno paciente vai identificar esse “pai interno” – cujos aspectos foram desorganizadores para seu psiquismo. Essa identificação encontra eco justamente no conceito de Faimberg (1985, 1988) que estamos abordando, o da identificação

alienante, à medida que suas origens encontram-se na história do outro; portanto, não houve um reconhecimento de um espaço psíquico próprio. O ego do menino fica, assim, submetido ao poder alheio (paterno), uma vez que o pai projeta sobre ele a parte clivada de si mesmo.

Sob outro vértice de Faimberg (1988), trata-se de algo ligado ao ódio narcisista o que pode ter levado esse pai à “função de intrusão”, ao expulsar ativamente no filho tudo o que rechaça em si. Essa função participa do processo de identificação alienante que promove, no ego dessa criança, uma espécie de organização estranha que pertence ao outro.

O pai não é o único protagonista dessa relação, uma vez que esta, possivelmente, encontra-se inscrita, inconscientemente, em seus próprios sistemas familiares. Dentro dessa perspectiva, pode estar contida a fórmula que define a situação dramática na qual esse pai interno submete para sempre o filho a sua própria história de angústias e de morte.

Conseqüentemente, isso cria um estado contraditório de vazio e de “demasiado cheio” no psiquismo dessa criança. O processo de intrusão parece ser o responsável desse demasiado cheio. O pai tem “jogado” ativamente aspectos violentos para dentro do psiquismo de Júnior numa tentativa de manter sua vida psíquica mais ou menos equilibrada. A fórmula correspondente a essa intrusão poderia ser: “A hostilidade contida e a frieza de minha família da infância é uma realidade interna que odeio e a expulso em meu filho”.

## Parte II

### As identificações Traumáticas Congelam o Psiquismo?

*Ana Rosa Chait Trachtenberg*

O trabalho que acabamos de ler causa impacto, curiosidade e surpresa, e essas características são algumas de suas virtudes. Reservome voltar a falar desse aspecto no final deste comentário.

Este trabalho está sustentado, teoricamente, em três eixos básicos: Piera Aulagnier (1975, 1984), Christopher Bollas (1987) e Haydeé Faimberg (1985, 1988, 2000).

Christopher Bollas é psicanalista de formação no Middle Group, de Londres. Para o presente trabalho selecionou-se o capítulo “Introjeção extrativa”, que está no seu livro *A Sombra do Objeto*, publicado em Londres, em 1987. Bollas é um discípulo de Winnicott, que foi, para a escola inglesa, o pioneiro na abordagem da **intersubjetividade**, tão familiar a nós na atualidade. Na primeira parte desse trabalho aparece, com clareza, a patologia da intersubjetividade, no original conceito de Introjeção Extrativa. Parece-me importante sublinhar três aspectos que a abordagem de Bollas sugere: Identificação Projetiva, Introjeção Extrativa e Ação do Outro.

A Identificação Projetiva, como todos sabem, trata-se de um primitivo mecanismo de defesa, descrito por Melanie Klein (1946), que ocorre quando o bebê/sujeito necessita esvaziar partes do seu *self* que resultam intoleráveis dentro de sua mente, e as coloca, violentamente, no interior da mente de outro sujeito. Esse sujeito poderá sentir um vazio dentro de si, um esvaziamento de seu próprio estado mental. Haverá também um estado de fusão e confusão narcísica entre o sujeito que identifica projetivamente (o “autor” da ação) e o sujeito aqui chamado de objeto, ou seja, aquele que recebe essa identificação. Estou me referindo ao que Bion posteriormente chamou de Identificação Projetiva patológica, que coloca destaque no aspecto violento e intrusivo desse mecanismo, que nisso se diferencia da Identificação Projetiva normal ou para fins de comunicação, em que o su-

jeito introduz no objeto – outro sujeito – um estado mental, como meio de comunicação, com a finalidade de ser entendido e contido.

A fundamental contribuição kleiniana não se ocupou, em seu momento, das repercussões ocorridas na mente do receptor, e é nesse ponto que vemos o ingresso das idéias desenvolvidas por Bollas. O sujeito que é receptor sente-se inundado, passa a carregar um mundo interno alheio, que lhe traz caos, desorganização e vazio. Se observarmos a relação pai/mãe-filho e, devido ao desamparo do último, bem como ao **aspecto violento** dessa intrusão, podemos pensar no alto potencial traumático dessa relação. A **ação violenta** exercida **pelo outro** é fundamental para compreendermos alguns estados da **patologia do vazio**.

Bollas postula que cada introjeção extrativa é acompanhada de alguma identificação projetiva correspondente. Ele diz que, “quando uma pessoa tira de outra a psique – Introjeção Extrativa –, deixa em seu lugar um espaço ou um vácuo. Lá deposita seu desespero e vazio em troca daquilo que roubou” (1987, p.203). Bollas também alerta para a necessidade de discriminação, em **patologias severas** de vazio conseqüentes a atos de expulsão e intrusão exercidos **no outro**, ou conseqüentes a atos de extração violenta exercidos **pelo outro**. Ambas, por sua violência, têm caráter **traumático**.

Neste momento, podemos fazer uma conexão entre Bollas e Haydé Faimberg, com sua famosa “telescopagem de gerações” e “identificação narcisista inconsciente alienante” – esta última abreviada e popularizada como “identificação alienante”.

A importante contribuição de Haydé Faimberg, psicanalista argentina radicada em Paris há várias décadas, qualificou, detalhou, especificou, enriqueceu e colocou esta questão definitivamente no campo da intersubjetividade e da importância do **outro**.

O conceito de Identificação Alienante, no meu entender, está apoiado no de Identificação Projetiva por: (a) realizar-se pela expulsão de conteúdos mentais com o conseqüente uso de outra mente; (b) ser um mecanismo



inconsciente; e (c) ser narcisista e promover a fantasia de fusão entre dois sujeitos.

Faimberg integra, com brilhantismo, sua formação na escola argentina à influência da escola francesa, especialmente Piera Aulagnier – matriz de muitos pensadores daquele país – e André Green. Foi especialmente original ao descrever a identificação alienante vinculada à importância do outro no psiquismo do sujeito e, especialmente, num movimento que ocorre entre as gerações: a telescopagem, ou seja, o encaixe de gerações.

Podemos discutir se, no material que Mayra coloca tão bem, há uma clínica da transgeracionalidade ou não, se há transmissão patológica de conteúdos psíquicos não elaborados, tais como segredos, situações traumáticas, lutos, crimes hediondos, vergonhas, violências exercidas ou sofridas, etc., **através das gerações**.

Na sua acepção clássica, para falarmos em transgeracional, necessitamos de pelo menos três gerações, que manifestarão de diferentes maneiras essa passagem violenta do trauma não elaborado de uma geração a outra, sucessivamente.

Os núcleos traumáticos precoces transgeracionais, como diz Konicheckis (2005, p.31-32), “caracterizam-se pelo fato de que a criança não os experimentou diretamente. [...] Tal como nuvens contaminadas pela radioatividade evocadas por Y. Gampel (2003), os efeitos desses traumas ignoram as limitações tópicas e as fronteiras entre gerações”.

No caso apresentado, temos fortes elementos para pensar que, na pré-história de Júnior, em duas gerações, há introjeção extrativa e identificação alienante; portanto, identificações traumáticas e de importantes consequências no psiquismo indefeso desse bebê. Júnior não teve acesso ao uso da Identificação Projetiva normal ou comunicacional para ser entendido empaticamente e assim poder utilizar o direito que todos os bebês têm: experimentar, usufruir e se beneficiar da capacidade de *rêverie* parental. Sua história nos mostra que, ao contrário, ele foi depositário de uma parte da angústia do pai numa completa inversão da linha geracional ou *rêverie* invertida. Júnior foi obrigado a “conter” a violência desse pai, em vez de

ser contido na sua violência primitiva, comum a todos os bebês. O exemplo disso são os contos do pai e o jogo do filho. Não aparece no jogo inicialmente, e sim quando uma capacidade simbólica incipiente aparece, depois de ter percorrido uma longa e exitosa trajetória de trabalho analítico. Pode, então, iniciar um processo de descongelamento, representabilidade e liberação desse pedaço da mente paterna metido em sua mente.

Entendo que o tema da violência e do trauma, em seu espectro mais amplo – entre indivíduos, entre gerações, nas convulsões sociais, nos holocaustos, nas ditaduras, nas violências de Estado, etc. –, é central para a Psicanálise. Aliás, os estudos da transgeracionalidade iniciaram com observações clínicas dos descendentes de sobreviventes do holocausto, da Shoa. Em várias partes do mundo – Judith Kertenberg, nos Estados Unidos, Yolanda Gampel, em Israel, Faimberg, na França, e Abraham e Torok, também na França, entre outros, – avaliaram o “impacto radioativo” (Gampel apud PUGET, 2005) dos lutos não-realizados das situações-limite dos genocídios, talvez inelaboráveis, nas gerações seguintes.

O tema das repercussões da violência social através das gerações é também de nosso interesse, devido aos “holocaustos” da América Latina. O tema dos desaparecidos, por exemplo, tem sido amplamente estudado por psicanalistas da Argentina e do Uruguai. Essas temáticas, surpreendentes e traumáticas, ocorrem na realidade social e na sua interface com os nossos consultórios. O material clínico-literário da primeira parte do presente trabalho, pela surpresa e perplexidade que despertam na contratransferência, e nas contratransferências, num sentido mais amplo, pode e deve ser entendido enquanto potencial traumático para o analista. Via de regra, estão relacionadas a zonas de não-representação psíquica, de vazio mental, de congelamentos, a zonas atingidas por identificações traumáticas, alienantes, introjeções extrativas, etc.

Esse trauma contratransferencial abre dois caminhos possíveis: um deles é o da confusão e da paralisia, de onde não surge elaboração, nem para o analista nem para o paciente, gerando um bolsão de estagnação no processo analítico. Outro caminho possível é o da transformação desse

trauma contratransferencial potencial, desse espanto e perplexidade, em curiosidade e desejo de investigar. Parece-me que Júnior e Mayra estão nessa fértil jornada.

### **Considerações Finais**

Os processos intersubjetivos da introjeção extrativa de Bollas e da identificação narcisista inconsciente alienante da Faimberg são formas denominadas por nós de **identificações traumáticas** e estão inseridas no contrato narcisista de Aulagnier.

José Carlos desenvolveu um caráter obsessivo, através do qual tentava controlar “suas feras pulsionais”, as intensas agressões e crueldades; parece, entretanto, não ter sido suficiente. Através dos contos, tenta liberar as “feras” aprisionadas em sua jaula neurótica.

O filho, por sua vez, estava pré-destinado a colocar em cena partes dessa hostilidade e violência cindidas e contidas no psiquismo paterno.

### **Mas que relação tem tudo isso com o congelamento do psiquismo de Júnior?**

Um pai que não discrimina ele e o filho mantém as portas entre eles permanentemente abertas... compelindo elementos de sua vida psíquica a se alojarem no inconsciente do menino, passando a habitá-lo como um “fantasma”.

José Carlos, dono de um mundo interno com partes tão terroríficas, passou a usar o filho como depositário e ator de parte de sua pulsão de morte e de seu sadismo; como uma forma, portanto, de livrar-se de uma porção indesejada de si mesmo.

Estamos diante de uma importante vertente transgeracional que denuncia a atividade de um outro tempo, incrustado na mente dessa criança.

Esse tipo de transmissão geracional patológica – transgeracional – tem efeitos traumáticos, deixando nesse paciente profundas cicatrizes emocionais, uma vez que gerou um trabalho psíquico precoce, num tempo em que não possuía defesas. Júnior ficou impossibilitado de significar certos acontecimentos, de modo tal que não pôde habilitar outras interpretações cau-

sais em busca de sentido para a construção de seu ego. Essas vivências adquiriram, assim, um valor patógeno.

Ao focalizarmos a atenção para a relação existente entre narcisismo parental e identificações, consideramos que o pai interno de Júnior está inscrito no psiquismo desse filho como um pai que o considera parte de si mesmo. Essas identificações constituem um vínculo entre gerações e se opõem a toda representação.

Foram transmissões abusivas, violentas, que bordaram o limite do representável, sem dar acesso a uma história pessoal e a uma temporalidade de acordo com as necessidades do psiquismo dessa criança. Conseqüentemente, ficou impedida de um maior nível de simbolização, sublimação e potencialidade para um viver mais criativo.

Podemos pensar numa captura identificatória. Júnior está identificado, inconscientemente, com esse “pai-filho-silencioso” frente a uma família escassamente estruturada e com partes adoecidas, partes mortas (avós com doenças degenerativas), aquele “maldito lado morto! meio pela metade!”

Tudo levaria a crer que as identificações traumáticas tenderiam a congelar o psiquismo em um “sempre”.

O desafio está lançado! O analista terá de ajudar o paciente a romper com essas identificações defeituosas, traumáticas, pois isso possibilitará inseri-lo em uma nova temporalidade, descongelando o psiquismo e dando início ao processo de historização, consagrado na descoberta do seu próprio desejo e na perspectiva da construção do seu sentimento de identidade e de sua singularidade.

*ÚLTIMA CENA: “Eu estava caminhando num morro perto da minha casa quando vi um lagarto se mexendo. Fiquei apavorado, corri para casa chorando. Ele parecia muito perigoso. Achei que ele ia botar veneno em mim, me espetar e me comer. Mas pensando... pensando melhor... lagarto não come humano. Foi só um grande susto! As crianças têm medos, adultos não. Vou desenhar ele para ti... depois, vamos brincar!?”*

## Resumo

O trabalho apresenta uma íntima correlação entre o material de sessões analíticas de um menino com diagnóstico inicial de Autismo Atípico e os contos literários escritos e editados por seu pai, sobre os quais o menino não tinha conhecimento antes ou durante o tratamento. Considerações são tecidas a respeito das transmissões psíquicas transgeracionais, ou seja, as identificações traumáticas: o impacto sobre a vida emocional desse pequeno paciente e o seu congelamento psíquico. Embasam este estudo, teoricamente, os conceitos de Introjção Extrativa de Christopher Bollas, de Contrato Narcisista de Piera Aulagnier e de Identificação Narcisista Inconsciente Alienante de Haydée Faimberg. Por fim, abordam-se as repercussões contratransferenciais nas identificações traumáticas.

## Palavras-chave

Autismo. Identificação Projetiva. Transgeracional. Transmissão. Trauma. Rêverie.

## Abstract

### Trauma Identifications, Freezing and Transgenerationality

This paper highlights the very close relationship between psychoanalytic materials gathered in sessions with a boy presenting with a diagnosis of atypical autism and short stories written by his father of which the boy had no knowledge before or throughout the treatment period. The authors reflect on these issues the transgenerational pathological transmissions – traumatic identifications – and their subsequent impact on his emotional life, and his psychic frozen. This psychic phenomenology is presented vis-a-vis the theoretical concepts of Christopher Bollas' Extractive Identification, Piera Aulagnier's Narcissistic Contract and Haydée Faimberg's Alienating Unconscious Narcissistic Identification. Finally, they approach the countertransference repercussions in traumatic identifications.

## Key-words

Autism. Projective Identification. Transgerational. Transmission. Trauma. Reverie.

## Resumen

### Identificaciones Traumáticas, Congelamiento y Transgeneracionalidad

El trabajo presenta una íntima relación entre el material de sesiones de análisis de un niño con diagnóstico inicial de Autismo Atípico y los cuentos literarios escritos y publicados de su padre, acerca de los cuales el niño no tenía conocimiento antes ó durante el tratamiento. Se tejen consideraciones acerca de la importancia de las transmisiones psíquicas transgeneracionales – identificaciones traumáticas – y el impacto sobre la vida emocional del paciente, con su congelamiento psíquico. Esta trabajada teóricamente en base a los conceptos de Introyección Extrativa de Christopher Bollas, Contrato Narcisista de Piera Aulagnier e Identificación Alienante de Haydée Faimberg. Finalmente abordan las repercusiones contratransferenciales en las identificaciones traumáticas.

## Palabras-clave

Autismo. Identificación Proyectiva. Transgeneracional. Transmisión. Trauma. Rêverie.

## Referências

- AULAGNIER, P. (1975). **La Violencia de la Interpretación:** del pictograma al enunciado. Buenos Aires: Amorrortu, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1984). **El Aprendiz y el Maestro-Brujo:** del discurso identificante al discurso delirante. Buenos Aires: Amorrortu, 1986.
- BOLLAS, C. (1987). **La Sombra del Objeto.** Buenos Aires: Amorrortu, 1991.
- FAIMBERG, H. (1985). El Telescopaje [Encaje] de las Geraciones: acerca de la genealogía de ciertas identificaciones. In: KÄES, R. et al. **Transmisión de la Vida Psíquica entre Generaciones.** Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- \_\_\_\_\_. (1988). A la Escucha del Telescopaje de las Generaciones: pertinencia psicoanalítica del concepto. In: KÄES, R. et al. **Transmisión de la Vida Psíquica entre Generaciones.** Buenos Aires: Amorrortu, 1996.
- \_\_\_\_\_. SBPdePA entrevista Haydée Faimberg. **Psicanálise:** revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Porto Alegre, v.2, n.1, p.249-266, 2000.
- KLEIN, M. (1946). Notas sobre algunos mecanismos esquizóides. In: \_\_\_\_\_. **Obras Completas.** Buenos Aires: Paidós-Hormé, 1990.
- KONICHECKIS, A. Núcleos traumáticos precoces e transgeneracionalidade. **Psi-**

**canálise:** revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, Porto Alegre, v.7, n.1, p.19-40, 2005.

LORENZONI, M.D. **A Falha da Função Materna:** impacto no psiquismo infantil. 2003. Não publicado.

PUGET, J. Prefácio. In: TRACHTENBERG, A. R. C. et al. **Transgeracionalidade:** de escaravo a herdeiro – um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

TRACHTENBERG, A.R.C. Trauma, Transgeracionalidade e Intergeracionalidade: uma transformação possível. In: TRACHTENBERG, A. R. C. et al. **Transgeracionalidade:** de escaravo a herdeiro – um destino entre gerações. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

**Dra. Ana Rosa Chait Trachtenberg**

Rua Dr. Florêncio Ygartua, 391/404  
91430-0100 Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (0xx51) 3330-4941  
Fax: (0xx51) 3330-6453  
E-mail: anarosact@terra.com.br

**Dra. Mayra Dornelles Lorenzoni**

Rua Quintino Bocaiúva, 694/709  
90440-050 Porto Alegre – RS – Brasil  
Fone: (0xx51) 3332-0001  
E-mail: mayralorenzoni@hotmail.com